UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

38

INSCRIÇÕES 171-174



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1991 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





171-173

FRAGMENTOS DE TRÊS NOVOS EPITÁFIOS PALEOCRISTÃOS, MÉRTOLA

171 — Epitáfio datado com AS (foto 171)

Trata-se de um fragmento de inscrição funerária que pertence à colecção epigráfica do núcleo paleocristão do Campo Arqueológico de Mértola.

Foi encontrado, durante a campanha de 1990, como material reutilizado, na camada de enchimento duma sepultura da basílica paleocristã.

O que nos resta do suporte da inscrição corresponde à parte lateral direita de uma placa de mármore cinzento, que contém ainda uma parte apreciável das cinco últimas linhas do texto. Na face posterior, a não epigrafada, foi feito, posteriormente à sua utilização como epitáfio, um desbaste, de 7 cm de largura, nos bordos superior e lateral direito. Pode dizer-se que este fragmento está até em bastante bom estado de conservação, atendendo a que foi reaproveitado como material de enchimento.

A decoração, a avaliar pelo que nos resta, seria formada por duas colunas que provavelmente suportariam um arco (redondo? de ferradura?), tema conhecido na decoração da epigrafia funerária de Mértola: casos do epitáfio de *Satirio*, *ICERV* 87, e do de *Andreas*, *ICERV* 93, respectivamente. Deste motivo decorativo resta apenas, à direita, a figuração dum fuste liso e parte do seu capitel.

Dimensões: $26 \times 34,5 \times 3,5$.

(inter columnas)

[....]V¸XIT / [....] ŖEQVIEVIT / [...]¸ACE \overline{DNI} D IIII / [...] YS MARTIAS / [...] δ LXAS.

Altura das letras: ± 3.5 ; l. 2, I inscrito = 1.5; l. 3, III = 2.

São bem visíveis linhas de orientação de escrita, que definem horizontalmente espaços de 3,5, para a escrita, entre espaços interli-

neares de 1,7, e que se cruzam à direita com duas linhas verticais: uma ainda, dentro do espaço do campo epigráfico, a 1 cm do começo do desenho que enquadra o texto; outra, afastada 3 cm desta, cai já sobre o fuste da coluna. Este esboco de pautagem, feito a ponteiro muito fino parece ter sido feito antes da execução do desenho das colunas. É de notar, no que respeita à largura real do texto. que, este, aliás, também não se rege por estas linhas verticais mais profundas, e que se procurou uma paginação que não deixasse espacos vazios à direita (pelo menos), o que foi conseguido pela aplicacão, quando necessário, de tracos oblíquos. De facto, ressalta a preocupação de quer as letras, quer os sinais de abreviatura, não excederem a pauta que lhes foi destinada e, de modo algum, invadirem o espaço interlinear; repare-se que mesmo o delta minúsculo da datação, que noutras inscrições frequentemente ultrapassa a pauta superior, nesta inscrição está como que contido; esta característica é apenas quebrada pela terminação superior do traço oblíquo de preenchimento de espaço da última linha.

Todos os AA deste texto apresentam a barra quebrada, colocada sensivelmente a 2/3 da altura, muito longe portanto de tocarem a linha inferior de orientação de escrita; o C é quase circular; na 1. 3. os DD apresentam duas formas, uma com um desenho da curva a partir da haste vertical, e com uma acentuada projecção para a frente, e outra, com o tracado da curva a partir de duas barras perpendiculares com tendência para um formato mais quadrangular; os EE têm iguais e bem desenvolvidas as barras horizontais; o único L da inscrição é um numeral, desenhado com um traçado num único tempo; no M, as barras externas obliquam, convergindo as internas a menos de dois terços da altura da letra, sem no entanto tocarem a linha inferior de orientação de escrita; o Q é feito a partir de um círculo perfeito; os RR têm a haste oblíqua muito projectada para diante, também sem tocar a linha inferior de orientação de escrita; os SS têm a curva superior maior que a inferior, e os da l. 4 têm tendência para as recurvarem para o interior; o I da l. 4 apresenta como curiosidade o arqueamento da barra horizontal da letra, também não tocando a linha superior de orientação de escrita.

Não há nexos no que resta deste texto.

Na l. 2, em requieuit, o primeiro i está incluso no u que o antecede.

Os sinais de abreviatura são de dois tipos: traços horizontais sobre as letras e traços oblíquos que as cortam parcialmente, mas sempre colocados dentro da pauta de escrita. Na l. 3 usou-se um traço horizontal para indicar a supressão de *omi* em *Domini*, e um traço oblíquo, colocado por detrás do *d*, sem no entanto o cortar, para indicar a supressão de *ie* em *die*.

Os traços terminais oblíquos apresentam dois desenhos diferentes: enquanto nas l. 3 e 4 são de forma quebrada, o da l. 5 não o é.

Leitura:

[...] / [....]uixit / [...] requieuit / [in p]ace D(omi)ni d(ie) IIII (quarto) / [id]us Martias / [era] δLX (quingentesima sexagesima)as.

É de assinalar a presença da palavra as na datação. Este epitáfio está datado de 11 de Fevereiro de um ano que será de 538 (cf. J. M. NAVASCUÉS, La era «...as», Madrid, 1951), ou 523 (cf. J. GIL, Aera... as, depundius, etc., «Cuadernos de Filologia Clásica», X, Madrid, 1976, p. 375-384), consoante se optar por uma ou outra interpretação de valoração cronológica de as na epigrafia paleocristã

172 — Epitáfio datado com DE (pundius) (foto 172)

Estes fragmentos pertencem igualmente ao espólio do núcleo paleocristão do Campo Arqueológico de Mértola.

Trata-se de dois fragmentos ajustáveis de uma fina placa de mármore cinzento, alisada dos dois lados mas polida só na face epigrafada.

Dimensões: $26 \times 12 \times 2,5$.

Ņ P̞A̞ [...] / [...] ΤΕΜ̞[...] / [...] δLXDE.

Altura das letras: ± 4 cm; L = 5 cm.

Na ordinatio deste texto usaram-se certamente linhas de orientação de escrita, como na maioria dos epitáfios deste cemitério, a avaliar pela regularidade da altura das letras. Do ponto de vista paleográfico é de notar a forma do P, com a parte curva muito aberta e recurvada; pelo que resta do M pode ver-se que a letra teria as hastes oblíquas, e que as internas deviam encontrar-se a meia altura; nos $E\bar{E}$, nomeadamente no da datação, nota-se uma tendência para as barras horizontais obliquarem para cima.

Leitura:

... i]n pa[ce .../... Sep]tem[bres ...] / [era] δLX (quingentesima sexagesima) de (pundius).

Esta inscrição está datada de Agosto ou Setembro do ano de 524 (cf. J. GIL, *Aera... as, depundius, etc.*, «Cuadernos de Filología Clásica», X, Madrid, 1976, p. 375-384).

É a primeira vez que de(pundius) aparece na datação da epigrafia do cemitério paleocristão de Mértola, onde já havia três exemplos (de as por duas vezes, de trisis por uma vez), associando, mais uma vez, a aeclisia Mertilliana à geografia que enquadra, na forma de datação da era a utilização «da série metrológica semis, as, depundius, trisis, quattus, quinque (?), sexis, nunus», como J. Gil demonstrou.

Os epitáfios de Mértola que incluem esta forma de datação conhecidos até hoje são os seguintes:

- 1) a. 503 (541) era δXL as, epit. de Orania, IVERV, 89.
- 2) a. 523 (561) [era] δLX as, epit. de?, FE, 171.
- 3) a. 524 (562) era δLXI as, epit. de Aianes, FE, 121.
- 4) a. 524 (562) ... [era] δLX de[pundius], epit. de?, FE, 172.
- 5) a. 525 (563) .. aera δLX trisis, epit. de Andreas, ICERV, 93.

Note-se que, deste mesmo cemitério, e em datas próximas, encontramos a forma de datação tradicional usando só numerais, aparentemente enquadrando, aqui em Mértola, um lapso cronológico relativamente curto (¹):

- 1) a. 499 (532) era δΧΧΧΙΙ, epit. de Mannaria, ICERV, 88.
- 2) a. 523 (561) .. [era] δLXI, epit. de Restitutus, AP, V, (1987).
- 3) a. 526 (565) era δLXV, epit. de Fortunata, ICERV, 529.
- 4) a. 529 (567) .. era δLXVII, epit. de Abundantius, ICERV, 490.

173 — *Epitáfio de presbítero?* (foto 173)

Epitáfio encontrado em 1990, como material reaproveitado num muro de suporte erguido no séc. XVIII ou no XIX, na chamada Vila Velha, intramuros da cidade de Mértola. Guarda-se no Campo Arqueológico.

O suporte é uma grossa placa de mármore branco, alisada em ambas as faces. O estado de conservação da face epigrafada é muito

⁽¹⁾ Note-se que as foi usado, por exemplo, em Mérida em 573 (ICERV 31a) e sexis em Córdova em 628 (ICERV 162).

mau, pois sofreu vários golpes e, posteriormente, teve forte erosão que afectou tanto as letras como as depressões resultantes dos maus tratos, tornando muito difícil a leitura do texto.

A decoração seria formada por um arco cordado em ferradura, suportado por colunelos. Nota-se à direita, no limite do campo epigráfico, um relevo em meia cana, terminado na parte superior em quadrado, que avança para dentro do arco: a julgar pela flecha calculada do arco, este viria a completar-se já fora do que actualmente resta do suporte. Embora até agora não tenham sido encontrados, na epigrafia paleocristã de Mértola, exemplos de epitáfios decorados com duplo arco, neste caso, há a possibilidade de se tratar de uma decoração desse tipo. Parece-nos que no vão do arco foram gravadas uma pomba e uma cruz, da conhecida sucessão columba, crux, columba. Contudo, tendo em vista que o texto do epitáfio se arruma entre o colunelo da esquerda e o relevo à direita, também se pode admitir que se trata de um reaproveitamento em época paleocristã de um suporte trabalhado, já existente, a que falta agora uma estreita faixa à direita, onde estaria figurada a outra pomba afrontada e o colunelo.

Dimensões: $37 \times 22 \times 5,5$ cm.

(columna; sub arcu columba? crux?)

(crux) EXODE/RU[.] PREST / VIXIT \bar{A} / LXXXV R/ \bar{V} IT IN / P[.]C[.] IIII KAL /[...]

Altura das letras: ±3.

Deve chamar-se a atenção para o facto de a penúltima letra da l. 1 poder ser entendida como um C, que por lapso se gravou invertido, ou por um D de que, durante a gravação, se esqueceu a haste vertical, afinal a parte mais fácil de gravar desta letra.

Podem ver-se restos de traços horizontais de abreviatura na l. 3, sobre o A de annos, na l. 5, sobre o UI de requit, e na l. 6 admitiu-se um traço oblíquo sobre o L para indicar a abreviatura em kal(endas).

A abreviatura prest (=presbyter) não está ainda registada na epigrafia paleocristã hispânica, mas não oferece qualquer dúvida (cf. F. Grossi Gondi, Trattato di epigrafia cristiana latina e greca del mondo romano occidentale, Roma, 1920, p. 482) (2). Aliás, a omissão

⁽²) Se a penúltima letra da l. 2 não for um S, como cremos, mas sim um B, a leitura será *prebit* que corresponderia, igualmente, a *presbyter*. Optámos por *prest* e não por *prebt* (até como a fotografia pode sugerir), depois de uma observação minu-

do qualificativo *famulus Dei* só confirma a leitura *presbyter*, uma vez que, dos sete epitáfios de presbíteros já conhecidos de Mértola, apenas o de *Romanus* e o de *Simplicius (ICERV* 92 e 94, respectivamente) exaram, cumulativamente, as referências de *presbyter* e de *famulus Dei*.

A leitura do texto é muito difícil. Contudo, seguindo o formulário já conhecido da epigrafia de Mértola, é possível propor, com muita segurança, esta leitura:

(crux) Exsode/ru[s]? $pres(by)t(er) / ^3$ uixit a(nnos) / LXXXV (octoginta quinque) r/[eq]uit in $/ ^6$ p[a]c[e] < die > IIII (quarto) kal(endas) / [...].

Quanto ao nome, tanto pode admitir-se *Exoder(i)us*, aproximável de *exodiarius*, conhecido duma inscrição de Beja (*IRCP* 247), como pensar-se num nome aparentado com o antropónimo feminino *Exoce*, que ocorre numa *cupa* da Mexilhoeira Grande, Portimão (*IRCP* 65).

A forma contracta *requit* está bem documentada no Sul da Lusitânia: em Mérida (*ICERV* 25), Mértola (*ICERV* 488 e 493) e na Silveirona (*ICERV* 497); *requiit* documenta-se em Badajoz (*ICERV* 484*b*). Nesta nova inscrição, *requit* concorda, pois, com as tendências regionais.

Maria Manuela Alves Dias Cláudio Torres

ciosa e directa da pedra. A tratar-se de um *B*, nele ocorreria, como no *D* da l. 1, a omissão da haste vertical — o que constituiria uma característica da gravação destas duas oclusivas sonoras mas que não ocorre na líquida *R*.





Fото 172



ГОТО 173



EX-VOTO A QVANGEIO TVRICAECO

Fotos 174

Bloco paralelepipédico, de mármore do tipo Estremoz/Vila Viçosa, identificado a 1 de Junho de 1991 num antiquário de Borba(¹). Desconhece-se por completo o contexto arqueológico donde proveio; é de supor, no entanto, que tenha sido achado nas proximidades da vila, ou seja, em território que, na Antiguidade, pertencia ao *Conventus Pacensis (Lusitania)*. Vendido a António Policarpo Silva Conceição, encontra-se actualmente (Setembro de 1991) na sua loja de antiguidades, em Évora (Rua de Mourão, 15B)(²).

A face anterior funciona, toda ela, como campo epigráfico: apresenta preparação, por polimento após bujardagem, com vista à gravação do texto. Todas as outras faces se encontram grosseiramente picadas, o que poderá ter ficado a dever-se ao facto de a epígrafe nunca ter estado completamente isenta, sendo antes parte de um monumento em cuja parede estaria integrada. Este aspecto pouco tratado, apesar de a hipótese anterior se me afigurar a mais plausível e de uma não invalidar a outra, poderá ainda ter sido devido a reutilização da pedra, o que terá tido também, como consequências, o

^{. (}¹) Foi José Rafael Correia da Silva «Agrícola», ao tempo vereador da Câmara Municipal de Ponte de Sor e finalista de Arqueologia na Universidade de Coimbra, que fez a descoberta e prontamente a comunicou ao Doutor José d'Encarnação. Para o facto foi de imediato alertada a Divisão Regional de Évora, de Arqueologia, do Instituto Português do Património Cultural, que iniciou oficialmente o processo de inventariação da peça.

Aos intervenientes directos no processo agradeço a gentileza que tiveram em possibilitar-me o estudo do monumento. Um reconhecimento especial a José d'Encarnação pelo apoio dado na elaboração deste texto.

⁽²) É possível que o Estado venha a comprar a epígrafe para o Museu Regional de Évora.

rebaixamento de parte da sua face superior e o desbaste de um chanfro entre esta última e a face posterior. A concavidade poderá ter servido também para encaixe de estátua ou de qualquer outro elemento. Estaríamos, nesse caso, perante um pedestal (3).

Dimensões: $39,5 \times 55,5 \times 35/21$. Campo epigráfico: $39,5 \times 55,5$.

C(aius) . LICINIVS . VEGETVS / QVANGEIO . TVRI-CAECO / V(otum) (hedera) L(ibens) (hedera) A(nimo) (hedera) S(olvit) (hedera)

Gaio Licínio Vegeto cumpriu o voto de livre vontade a Quangeio Turiceco.

Altura das letras: l. 1: 4,8; l. 2: 4,6/5 (T = 5,8); l. 3: 4,6. Espacos: 1: 5,4; 2: 1,2/1,5; 3: 0,9; 4: 16.

Paginação com alinhamento à esquerda e à direita das duas primeiras linhas e com a fórmula final quase centrada (a sugerir a existência de um eixo de simetria não inteiramente conseguido). Sente-se a presença de linhas auxiliares para prévia ordenação da escrita. A colocação do texto predominantemente na metade superior da face epigrafada indicia que a sua leitura se faria de uma posição superior ao monumento, o qual estaria, portanto, situado abaixo do habitual nível médio da visão. A pontuação é feita, nas duas primeiras linhas, por *puncti distinguentes* triangulares que separam correctamente as palavras e, na última linha, por *hederæ* cordiformes, finamente delineadas e de pecíolo caprichoso, ramificado na extremidade e desenhado na continuação da nervura central.

Caracteres actuários, cuidadosamente gravados e de vértices bem assinalados. Atente-se na simetria do S, na brevidade das barras horizontais. O V, o A e o N foram, aparentemente, gravados com molde igual. Q bem circular, de haste horizontal e breve; a perna do G, muito pequena e vertical, termina em triângulo. O T ultrapassa a altura das demais letras.

A divindade aqui cultuada, *Quangeius*, não é inédita: ela surge numa inscrição de Salavessa (Montalvão, Nisa), embora, neste caso, com o epíteto *Tanngus*; sem qualquer epíteto, documenta-se em

⁽³⁾ Em tudo semelhante, por exemplo, ao dedicado por *P. Sempronius Celer* ao deus Endovólico: cf. IRCP 525, fotografia.

várias outras epígrafes da Lusitânia (4). Desconhecem-se-lhe os atributos; mas a existência de epítetos leva a incluí-la entre as divindades protectoras de unidades populacionais. No caso vertente, protegeria eventualmente os Turicecos, gentílico que ora ocorre pela primeira vez (5).

O dedicante identifica-se com os *tria nomina*, à maneira latina, mas sem filiação. *Licinius* é gentilício frequente no *Conventus Pacensis* (cf. IRPC, p. 863); o cognome *Vegetus*, apesar de etimologicamente latino, regista-se muito na Península Ibérica (6), designadamente em meios indígenas (7). Trata-se, por conseguinte, com toda a probabilidade, de um indígena romanizado.

A paleografia aponta para o monumento uma datação da segunda metade do século I da nossa era.

RAFAEL A. E. ALFENIM

⁽⁴⁾ Cf. José d'Encarnação, *Divindades indígenas da Lusitânia*, «Conimbriga», 26, 1987, p. 29.

⁽⁵⁾ O radical Tur- é, porém, assaz conhecido, porque surge, por exemplo, em *Turobrigensis*, epíteto de Atégina (ILER 732-744), e em *Turolici*, epíteto de uns Lares (ILER 681). Semelhante a *Turicaecus* é o teónimo *Turiacus*, documentado em S. Tirso (conventus Bracaraugustanus): cf. José Manuel GARCIA, *Religiões Antigas de Portugal*, Lisboa, 1991, p. 351, n.º 199.

⁽⁶⁾ Cf. Iiro KAJANTO, *The Latin Cognomina*, Helsínquia, 1965, p. 247: refere que só no CIL II (da Península Ibérica) se documentam 28 exemplos para um total de 67 no conjunto de todo o CIL.

⁽⁷⁾ Vide IRCP, p. 870, e o mapa 82 de J. UNTERMANN, Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua, Madrid, 1965.



Fото 174 — vista de cima



Fото 174 — a inscrição

FOTOS DE MANUEL RIBEIRO (gentilmente cedidas pela Divisão Regional de Évora (Arqueologia) do IPPC)